

Histórico Fundação Balbina Camila de Araújo (FBCA)

Versão para o site concluída em 1º/08/2017.

Pesquisa jornalística e textos: Elemara Duarte

Quem foi Balbina?

Balbina Camilla de Araujo foi uma mulher que conseguiu deixar seu nome marcado no pioneirismo das ações de filantropia nos primeiros anos de fundação da nova capital de Minas Gerais.

Em 1926, aos 67 anos, viúva mas sem filhos, após duradouro casamento com o funcionário público estadual Francisco José de Araujo (1860-1921), Balbina previu que aqueles seriam os últimos meses de vida dela, devido às complicações de doença degenerativa que lhe atingiu os ossos deixando-a acamada por anos.

Generosa com agregados e sobrinhos, a quem acolheu dando trabalho ou moradia, em 9 de agosto de 1926, Balbina expandiu seus dons de caridade para os necessitados de toda uma cidade. Neste dia, ela registrou em testamento a criação da Fundação Balbina Camila de Araújo (FBCA).

Nasce a capital

Em 1897, ano da fundação de Belo Horizonte, Balbina e Francisco José de Araujo já viviam na capital. A partir de 1898, eles passaram a adquirir imóveis na nova cidade cujos alugueis serviram para encorpar o patrimônio do casal.

Porteiro da antiga “Câmara dos Deputados”, atualmente, Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Francisco passou a integrar a equipe da instituição em 1895, ainda em Ouro Preto, a antiga capital de Minas, e permaneceu nela até 1918, já em Belo Horizonte.

Balbina nasceu em 1859, na Villa de São Francisco das Chagas do Campo Grande, hoje Rio Paranaíba, na Região do Alto Paranaíba, pequeno município do cerrado mineiro cercado por grandiosas propriedades rurais dedicadas especialmente à cafeicultura.

No início, a jovem capital ainda não tinha se solidificado com os ares de prosperidade idealizados pelos seus construtores. A população era composta basicamente por trabalhadores rurais e funcionários públicos, assim como Francisco.

A partir de 1895, o governo promoveu sorteio de lotes na então “Cidade de Minas” (antigo nome de BH) para atrair a vinda de funcionários públicos da capital colonial. Francisco foi um dos contemplados. O imóvel que ganhou ficava na rua Paraíba, esquina com avenida Carandaí, no bairro Funcionários, onde era vizinho de vários colegas do emprego público. Eis aqui a explicação para o nome deste bairro ainda em vigor.

Francisco e Balbina sempre assinavam juntos os contratos de aquisição, revenda e aluguel de imóveis em várias áreas de BH como na rua dos Otonis e avenida Silviano Brandão, onde estabeleceram a primeira residência.

Já em 1910, eles adquirem um sobrado na avenida Afonso Pena, no coração de Belo Horizonte, com várias benfeitorias para locação: duas lojas, um salão para reuniões e dois barracões anexos nos fundos.

Pelas lojas do imóvel do casal Araujo passaram empreendimentos como a “Casa Oscar Marques”, onde vendiam-se roupas masculinas finas sob a administração do comerciante que lhe dá nome. A loja chegou a ser citada pelo escritor mineiro Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) como ponto de referência da nova, porém ainda provinciana capital mineira, na crônica “Da Velha Cidade”:

"Em uma velha cidade... Senti-me outra vez na Belo Horizonte de 1915, 1920, idades mitológicas, de que não há memória entre os homens e as mulheres de hoje... O mundo era pequeno e limitava-se ao norte pelo Café Estrela, na rua da Bahia, e a leste pela casa Oscar Marques, na Avenida Afonso Pena". (Drummond)

Naquela época, Francisco e Balbina integravam um grupo de empreendedores residentes em uma região da nova capital que ainda não guardava o poderio comercial apresentado hoje. Era um “mundo pequeno”, como descreve Drummond.

Quando a idade chega

Já idosos, Balbina e Francisco manifestam fortes sintomas de doenças debilitantes e não conseguem usufruir plenamente do patrimônio que conquistaram ao longo da vida. Boa parte dos recursos de que dispunham foram gastos para tratar estas doenças, conforme inventário de ambos arquivado há quase um século no acervo do Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG).

Para enfrentar o agravamento de uma paralisia, Francisco José de Araujo precisou ser internado em uma casa de saúde particular em Barbacena, onde permaneceu por quase um ano, morrendo em outubro de 1921.

Balbina permaneceu em Belo Horizonte, onde lutava contra enfermidade nos ossos. Sempre rodeada de familiares, Balbina contou com uma jovem sobrinha do falecido marido para ser sua acompanhante até o último dia de vida.

Dois anos antes de morrer, Balbina não conseguia mais sair de casa devido aos sintomas da “moléstia”, denominação genérica a que se resumem os documentos deixados por ela. Exemplo disso foi registrado em 1925, na assinatura do arrendamento do pavimento térreo do sobrado da avenida Afonso Pena ao comerciante Oscar Marques.

Nele foi citado que a viúva pediu ao irmão Sergio Marques da Silva para representá-la na ocasião. Sergio era pecuarista e chegou a ser prefeito na cidade de Conquista, no Triângulo Mineiro. Já idoso, Sergio mudou-se com a família para Uberaba, na mesma região.

Na ocasião da assinatura do documento, Sergio veio para Belo Horizonte para auxiliar a irmã mais velha:

“Escrepta esta e lida às partes a aceitaram e assignam fazendo a rogo de D. Balbina Camilla de Araujo, que não o pode fazer por motivo de moléstia, seu irmão Sergio Marques da Silva com as testemunhas (...)”.

Gente de confiança

Para criar juridicamente a FBCA, Balbina convocou o advogado e professor Antonio Navarro. Ele colocou no papel todos os últimos anseios da fundadora e nesta ocasião, ela o direcionou para

escrever o estatuto da entidade. Navarro foi nomeado pela própria Balbina como o “primeiro diretor” da FBCA.

Exímio intelectual, o advogado foi um dos fundadores e Escola Superior de Agronomia e Veterinária e da Faculdade de Farmácia, uma das instituições pioneiras no ensino superior em Belo Horizonte. Além disso, ele publicou artigos sobre astronomia em jornais de grande circulação na época e o livro “Elementos de Aritmética”.

Os documentos dizem que na falta do jurista, Balbina determina que a Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) assumia a gestão da FBCA. A parceria com o Ministério Público também já estava prevista naquela época. Navarro morreu em 1932 e automaticamente a SSVP assumiu a direção. Até 2017, a FBCA teve 14 “presidentes” da SSVP.

A assinatura do testamento foi feita na presença de várias testemunhas da confiança de Balbina. Entre elas estava o cirurgião-dentista Celio Carrão de Castro, então presidente da “Sociedade de Odontologia”, cuja sede ficava no salão do sobrado dos Araujo.

“Célio de Castro” é nome conhecido dos belo-horizontinos pois confunde-se com o do ex-prefeito da capital. Mas não apenas por isso. O exato nome ainda pode ser visto batizando uma das principais ruas do Bairro Floresta, região Leste de BH, e é nesta referência que o cirurgião-dentista está.

Nesta rua, antes chamada “Rio Preto”, Castro mantinha um dos seus consultórios onde atendia principalmente pessoas carentes, de quem nada cobrava. Informações no site da Prefeitura de Belo Horizonte, contam que com a morte de Castro, a vizinhança teria pedido que o nome da rua fosse modificado para servir de homenagem ao abnegado dentista. E assim, o pedido foi atendido por meio da Lei nº 851, de 21 de dezembro de 1960, assinada pelo então prefeito Amintas de Barros.

O adeus à Balbina

Quatro meses antes de falecer, Balbina ainda encarou duas cirurgias semelhantes para colocação e substituição de aparelhos de “extrusão por fratura de osso” da coxa. O sistema é composto por parafusos e pinos ligados para corrigir lesões ósseas. Assim, completamente debilitada, porém lúcida, onze meses após criar a FBCA, em 8 de junho de 1927, Balbina morre em casa, em decorrência de uma “arteriosclerose”.

Balbina foi sepultada no Cemitério do Bonfim, cujo jazigo mostra um busto do marido esculpido em mármore e em tamanho natural. Com o adeus à benfeitora, torna-se realidade a ideia dela de transformar o próprio lar em uma fonte de auxílio à “pobreza necessitada de Belo Horizonte” - expressão descrita nos documentos que ela deixou.

O sobrado da avenida Afonso Pena foi último imóvel que restou do patrimônio do casal. Hoje no endereço funciona a sede da FBCA. Porém, no lugar do antigo sobrado está o prédio de salas comerciais construído em 1967, o “Edifício Balbina Camila de Araujo”.

Salto empreendedor

Em meados dos anos 1960, a antiga residência de Francisco e Balbina era o único imóvel da época da inauguração de BH que ainda restava de pé naquele lado da avenida Afonso Pena. A construção

resistia entre o grandioso Edifício Clemente Faria, sede do extinto Banco da Lavoura, e o Edifício Building Valente.

Mas em 1967, na gestão do diretor da FBCA, Pio Porto de Menezes, a Fundação deu aquele que pode ser considerado o segundo grande passo empreendedor desde a sua inauguração: a construção do edifício de salas comerciais onde hoje é a sede.

Em 13 de junho de 1967, mês em que foram lembrados os 40 anos da morte de Balbina Camilla de Araujo, Menezes assinava o contrato com o escritório do engenheiro civil Charles Simão. A obra teve projeto de arquitetura de Raul do Lago Cirne e de Luciano Carneiro Santiago.

Em 29 de dezembro do mesmo ano, Menezes firmou o contrato para usufruto do prédio com a Divinópolis Participações (Disa). O usufruto foi instituído para o prazo de cerca de 17 anos, para que a Disa pudesse pagar as despesas de construção do mesmo. Nele, a Disa ainda pagou à FBCA 20% da renda que obteve com os lucros de locação do prédio. “Findo o prazo do usufruto, todas as rendas do prédio passarão a pertencer, inteiramente, à proprietária (FBCA)”. E assim tudo foi cumprido.

Autossustentável desde o berço

A criação de uma organização filantrópica com uma sólida fonte de renda própria fez com que a FBCA nascesse “autossustentável”. Hoje, este formato é tido como raro e inovador para entidades do Terceiro Setor, especialmente no Brasil.

Com 90 anos completados em 2016, a FBCA é a fundação particular de assistência social mais antiga em atividade em Belo Horizonte, conforme levantamento do Ministério Público Estadual, parceiro da instituição desde sua criação.

A segunda mais antiga é a Fundação Felice Rosso (ligada ao Hospital Felício Rocho), criada em 1937; a terceira é Fundação São José (ligada a projetos de direitos humanos), de 1941; a quarta é Fundação Benjamin Guimarães (ligada ao Hospital da Baleia), de 1944; e a quinta é a Fundação Espírita Cárita (de caráter religioso e assistencial), de 1946.

Atualmente, por meio de edital anual, a FBCA patrocina projetos selecionados de entidades belo-horizontinas como creches, abrigos, entre outras. Tudo isso com rendimentos provenientes dos aluguéis de suas salas comerciais.

Ex-presidentes da FBCA

1º) Antônio Navarro, de 1926 a 1932. “Primeiro director” nomeado por Balbina.

Presidentes da SSVP que administraram a FBCA, após a morte de Navarro:

2º) Joaquim Furtado de Menezes, de 1919 a 1940.

3º) Benedito José dos Santos, de 1940 a 1943.

4º) Policarpo Magalhães Viotti, de 1943 a 1952.

5º) Pio Porto de Menezes, de 1952 a 1969.

6º) Jesuíno Ribeiro Dutra, de 1969 a 1979.

7º) Agnaldo Paoliello, de 1979 a 1984.

8º) João Lúcio dos Santos, de 1984 a 1989.

9º) Ely Pinto da Silva, de 1989 a 1993.

10º) *Willer José de Lima, de 1993 a 1997.*

11º) *José Antônio do Nascimento, de 1997 a 2001.*

12º) *Geraldo Magela Galvão da Fonseca, de 2001 a 2005.*

13º) *Geraldo Corsino da Trindade, de 2005 a 2009.*

14º) *Ronan Francisco de Oliveira, de 2009 até o segundo semestre de 2017.*

Ex-presidentes mais idosos falam sobre sabedoria e cristandade de Balbina

> *Jesuíno Ribeiro Dutra foi o 5º diretor da FBCA, entre 1969 e 1979.*

“Nós sempre examinávamos o projeto de organização da Fundação. Eu cheguei a conhecer a casa (sobrado), na época em que alugavam para a Livraria Veloso. A dona Balbina morava nos fundos. Ela não deixou herdeiros ‘necessários’, ou seja, legítimos ou naturais. E sabendo que iria morrer, chamou um advogado e traçou a maneira que os bens dela fossem aplicados. A gente nota que era uma senhora inteligente. Uma pessoa de sentimentos bons e que se lembrava dos pobres”, avalia o ex-diretor Jesuíno Dutra, 89 anos, em entrevista à esta pesquisa.

> *Ely Pinto da Silva foi o 8º diretor da FBCA, entre 1989 e 1993.*

"Balbina foi realmente uma senhora cristã. Entrei para a SSVP aos 45 anos e sei que ela não tinha envolvimento político. Naquela época, a população era deste tamaninho. E na Afonso Pena havia os bondes. Saíam dos bairros e iam para a Praça Sete, onde faziam o contorno para voltar”, lembra, Ely Pinto da Silva, 82 anos.

Equipe FBCA

Diretor: Ronan Francisco de Oliveira

Gerente: Soraia Márcia de Faria

Assistente Social: Jerry Trindade

Tesoureiro: Pedro dos Santos

Pesquisa jornalística e textos: Elemara Duarte

Fundação Balbina Camila de Araújo

Avenida Afonso Pena, 732, Centro

Belo Horizonte/MG - CEP: 30130-003

Telefone: (31) 3271-7423

www.fbcabh.org.br